



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**Oo re ba'eapo Nhãdewa'e tekoa Porã Pygwa**

**Silvio Carvalho Gonçalves**

**Aracruz/ES**

**2022**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

**Oo re ba'eapo Nhãdewa'e tekoa Porã Pygwa**

**Silvio Carvalho Gonçalves**

Memorial poético que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ozirlei Teresa Marcilino

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Ana Paula Moura

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>2. TRAJETÓRIA.....</b>	<b>05</b>
2.1 VIDA PESSOAL.....	05
2.2 PERCURSO ACADÊMICO.....	07
2.3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	08
<b>3. PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>09</b>
3.1 OBJETIVOS.....	10
3.2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	10
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>5. CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>12</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>13</b>
<b>7. BREVE RELATO DAS ORIENTADORAS.....</b>	<b>13</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Eu sou Silvio Carvalho Gonçalves, conhecido como *Nhamãdu*, de descendência Guarani *Nhãdewa* do Paraguai. Neto de *Keretxu Mirĩ* (Aurora da Silva Carvalho), minha bisavó era a *Tatxĩ Ywa Rete* (Maria Candelária); eles que começaram a conhecida caminhada da “terra sem males”. Meu Pai era Carlito Gonçalves e minha mãe Rosa Carvalho Gonçalves. Sou da aldeia *Tekoa Porã* (Boa Esperança), no município de Aracruz-ES. Moro e sou nascido nessa aldeia desde da década de 80.

Na década dos anos 80 nós, Guarani de *Tekoa Porã*, possuíamos uma *Opy* (casa de reza); todos os dias antes do Sol se por frequentávamos a *Opy*, eu amava essa vida, com meus 9 anos de idade comecei a estudar na própria aldeia numa escolinha fundada pelo prefeito Eraldo Musso, que tinha uma professora funcionária da FUNAI, a Fátima, era brava!

Nesse Memorial, vou relatar um pouco da minha vida e experiência na aldeia *Tekoa Porã*, de Aracruz-ES (2022) que fica próximo à BR ES010, e atualmente possui aproximadamente, 38 famílias, cerca de 180 pessoas ao todo.

Este texto fala também da minha pesquisa que objetivou entender a forma de construir as moradias tradicionais dos Guarani *Nhadewa* e com intuito de preservar a tradição, uma vez que a falta de matéria-prima encontra-se na condição cada vez mais na precariedade. Muitos jovens da aldeia, basicamente já não tem mais a capacidade de construir a sua própria moradia/casa tradicional, por falta de interesse ou por não aprenderam com seus pais. Portanto, temos e queremos muito essa vontade de continuarmos a nossa cultura, que é fazer acontecer.

## 2. TRAJETÓRIA

Para compreender os motivos da pesquisa, irei falar um pouco sobre minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

### 2.1 VIDA PESSOAL

Sou casado há mais de 14 anos e hoje tô com 42 anos de idade. A minha esposa tem 34 anos de idade e veio de Mato Grosso do Sul, ela também é uma guarani, a linguagem é um pouco diferente, porém nos entendendo.

Hoje temos quatro filhos sendo três meninos e uma menina, contando com um no ventre dela. O nome da minha esposa é Neuzilei Kunhãdju Bolgarim, os nomes dos meus filhos são Sávio, Seika, Selton e o que ta vindo é o Shelton, o único nome escolhido pela mãe.

Com o meu primo Geovane, já falecido, comecei a usar drogas como maconha, cocaína e cheirava cola. Mas tenho o meu amigo e irmão Mauro que impediu que avançasse ou que me viciasse, quando numa festa ele desconfiou que meu primo tava me oferecendo a droga e estava aceitando, entrevi e disse ao meu primo que não oferecesse e que usasse apenas ele, e se eu continuasse usando ia me dar uma surra, me deu um monte de esporro e então ele pegou a sua moto CB 400 cinza e viemos embora. Até hoje não uso mais droga, nem se quer fumo mais cigarro, que também tinha um vício. Hoje me sinto um vencedor graças Nhãderu Tenõde e ao meu querido e amigo irmão Karai Arã.

Já estudei na escola fora da aldeia, eu e meu primo Sérgio que também é guarani. Infelizmente ele não conseguiu ser aprovado para o sexto ano em Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, numa escola família agrícola, dos meus 12 a 14 anos, já na sexta série na época.

Eu voltei para o meu Estado e aldeia no Espírito Santo. Na época eu tinha muita vergonha de falar no meu idioma, só falava em Português e hoje em dia já é ao contrário, tenho vergonha ou receio de falar o Português. Continuei estudando na escola fora da aldeia, aqui no Estado, Rio Bananal, que também era uma família agrícola. Minha avó e uma amiga da comunidade que o nome era Ninô, batizada como Kunhã Rete, vinha sempre na aldeia, que ajudava a minha avó Aurora e o meu tio Jonas a pagar uma pequena taxa, às vezes por semana ou mês.

Estudei também na escola São Bento do Chapéu, imigrantes de pomeranas/alemã. Minhas primas Aciara e a falecida Lucimara também estudaram lá, além de uns parentes tupinikim. Naquela época só tinha a oitava série do Ensino Fundamental e já ia para 1º ano do Ensino Médio. Terminei a oitava série e estudei o magistério formal na Escola Primo Bitti, onde eu fui expulso porque na sala tinha um colega que era um parente Tupinikim que tinha algumas curiosidades da minha língua materna; ele me perguntava na sala de aula e eu respondia. A professora dizia que a gente estava conversando muito e que tava atrapalhando a aula dela, por isso decidiu me expulsar. Desde então fiquei traumatizado com a escola não indígena e por isso não queria fazer o meu estágio do PROLIND lá.

Por fim deu tudo certo! A colega Leidiane, coordenadora do PROLIND e parente Tupinikim, conversou comigo e arrumou uma vaga para que eu pudesse estagiar na aldeia de Caieiras Velha. Há só mais uma coisa, em 2012 sofri um acidente de moto. Na época ainda funcionava a Escola Municipal Unidocente Indígena de Aldeia Tekoa Porã Boa Esperança e eu atuava nela. Tinha discutido com a minha esposa, sai com a cabeça esquentada, sentei em num bar e comecei a me embriagar. Naquele dia eu queria até fazer uma dívida para beber mais bebidas alcólicas que a dona do bar não queria me vender fiado, até por conta da minha situação, já muito embriagado. Também discuti com ela e depois fui embora. Nessa volta eu me acidentei, mas não culpo a minha esposa e nem a dona do

bar. Só agora entendo que isso não resolveria nada.

Antes de atuar na escola, morei um pouco na aldeia Boa Vista Tetxa Porã, em Ubatuba, distrito de São Paulo. Lá eu ia na mata toda quinta e sexta-feira para colher fechos de palmitos e vender aos sábados na cidade. Assim eu ganhava um pouco mais de grana e, de tanto vender palmito, me deram apelido de “palmiteiro”. Foram muitas coisas de aprendizado, com a mata enorme e muitas cobras venenosas, passei uns maus bocados.

## 2.2 PERCURSO ACADÊMICO

De 1996 a 1999 veio o magistério indígena diferenciado Tupinikim e Guarani, que teve o início nas aldeias de Caieiras Velha, Comboios e Pau-Brasil. Ficamos uma semana na aldeia em cada etapa. Esse curso funcionava com a parceria interinstitucional da SEDU, SEMED e IDEA. Recordo das coordenadoras Zélia, Fortaleza e recordo de alguns professores como Edvanda, Faundes e Kalna.

Foi lá que comecei estudar com outros seis guarani, não me recordo bem, mas hoje somos apenas três que permanecemos em sala de aula, dos que fizemos o magistério diferenciado. Isso porque minha prima Lucima foi assassinada brutalmente, sei que ela estaria na sala de aula com certeza. Ela chegou a atuar um pouco na sala de aula, tinha até pra receber da prefeitura o salário, infelizmente foi brutalmente e covardemente assassinada.

Estudamos hoje, eu Silvio (Nhamãdu), meu irmão Mauro (Karai), minhas primas Aciara (Keretxu Rete), Lucimara (Takwadju), Marli (Ara'i) e a Vanda (Keretxu Rata Mirĩ). Foi o magistério indígena diferenciado que me abriu as portas para hoje continuar com o Ensino Superior que é o PROLIND-Licenciatura Intercultural Indígena ofertada pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Para essa faculdade diferenciada acontecer, foi muito difícil. Foram muitas lutas das lideranças, levou uns 10 anos, mas graças à Deus Nhaderu Tupã e com esforço das lideranças e a comunidade, deu tudo certo. Fomos na Ufes para fazer a avaliação e quem fosse aprovado, frequentaria o PROLIND. Tínhamos a opção de fazer o relatório em Guarani, menos mal! E foi convocado e avaliado por um professor Guarani, já bastante experiente do Rio de Janeiro, o Argemiro. Fomos os três guarani e conseguimos ser aprovados.

Começamos com umas 60 pessoas, infelizmente nem todos conseguiram chegar até hoje. Hoje somos uns 40 estudantes. Eu entrei na habilitação 03 (Ciências da Natureza e Matemática: Matemática, Biologia, Química e Física), o meu primo Maynõ na habilitação 01 (Ciências Sociais e Humanidades: Sociologia, Filosofia, História e Geografia) e a minha prima Aciara na habilitação 02 (Artes, Linguagens e Comunicação: Artes, Educação Física Língua Portuguesa, e Língua Tupinikim/Guarani). Cada um em uma habilitação diferente para enriquecermos mais a nossa escola.

### 2.3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

No início da minha trajetória como professor, comecei como substituto nas turmas de pré-infantil, que naquela época ainda tinha essa obrigação. Eu que negociava com meu primo Marcos Antônio da Silva o preço, no entanto eu achava que não daria certo já que eu não tinha nenhuma aptidão de ser um professor. Além disso, na época eu gostaria muito de me formar como um técnico agricultor, que estudei um pouco para isso. Naquela época era muito difícil um transporte pra me levar, por isso perdi a entrevista e uma prova para vaga.

Teve um tempo que pensei em estudar informática e tentar ser um contador. Naquela época tinha uma escola no bairro de Coqueiral, mas quando procurei para fazer, já tinha mudado para a cidade de Aracruz. Mas aí veio a oportunidade



de recomeçar! Comecei a trabalhar como um agente comunitário, mas também não deu certo.

Depois de um tempo tinha uma aula com a professora, naquela época esposa do meu primo Marcelo, Andreia, que dava aula para os jovens e adultos (EJA). Ela sempre corrigia as minhas atividades com muito elogio, falando que eu era muito inteligente e que serviria para ser um professor. Aquilo sempre mexeu comigo! Meu irmão Mauro também me perguntava porque eu não era professor!? Então eu pensei comigo mesmo “Sabe de uma coisa? Vou tentar dar uma chance pra mim mesmo”.

Também tinha uma senhora que trabalhava na pastoral, que no dia que eu estava substituindo o professor, essa senhora visitou a escola, na época em Aldeia Boa Esperança, e também falou que eu fazia um bom trabalho, que tinha um jeito muito bom de trabalhar com os meninos. Com isso não restou mais dúvidas, a minha jornada estava preste a dar um início.

Fiz um processo seletivo e conseguir passar. Comecei a trabalhar na EMPI Três Palmeiras, construída com ajuda da pastoral. Depois de algum tempo construíram uma nova escola com projeto, a EMPI Arandu Retxãkã. Então até hoje estou nesse ramo de professor, muito realizado!

### **3 PRODUTO EDUCACIONAL**

No âmbito desta pesquisa, vou tentar expressar ao máximo do meu sentimento e interesse por este trabalho. A escolha do tema que partiu da necessidade do nosso povo, tema muito valoroso e essencial!

De longas datas, nosso povo vem tentando manter a nossa tradição, que pudesse dar continuidade com os nossos jovens. Que eles aprendessem o que

os anciãos quisessem repassar de suas vivências e saberes.

No entanto, em meio a tantas tecnologias, esses jovens estão se bloqueando, bloqueando o modo de ser, de ensinar e/ou aprender a forma tradicional cultural. Em outras circunstâncias, algumas pessoas que não são da nossa cultura, também tentam estudar e conhecer as origens; muitas das vezes se equivocam, repassando as coisas não verdadeiras ou que não sejam da nossa própria cultura. Logicamente que isso fica numa posição de incerteza por parte de alguns jovens da cultura, mais que faz parte; e que muitas das coisas do meio indígena cultural estão se perdendo. Segundo a autora Moura:

No Tekoa – terra apropriada para o Guarani, lugar para viver – as casas costumam estar espalhadas pela aldeia mais ou menos de acordo com a proximidade das roças de cada família e, geralmente, formam núcleo em torno de um ‘tronco’ familiar – familiar matriarcal.

A arquitetura guarani contempla o homem em seu sentido físico, com o conforto ambiental e considerando a proteção espiritual. A Oo — casa de morada guarani — é referência de construção sustentável visto que, por tradição, esse povo edifica utilizando materiais e técnicas de baixo impacto ambiental, em um processo de socialização entre as pessoas, pois acontece uma sistematização que garante o processo por meio da divisão de tarefas durante a construção, momento que eles denominam de mutirão.

Elementos como o fogo no chão, o pisar na terra e a posição da casa em relação ao nascer do sol são marcantes na vivência guarani. Nas tekoa hoje, ainda que, aos poucos, as casas vêm se transformando quanto aos antigos costumes e também com a utilização de materiais industriais, muitas casas continuam sendo construídas com os materiais construtivos tradicionais, como o barro, o bambu, a piassava, o pindó, a taquara e o cipó. (MOURA, 2019, p. 27)

Por isto que venho tentar, de alguma forma, trazer o que é do nosso povo e tentar avivar as coisas que se perderam ou que estão se perdendo de fato, como por exemplo, as maneiras e técnicas guarani presentes na construção de casas.

### 3.1 OBJETIVOS

- Compreender e registrar as práticas de construções das casas tradicionais Guarani Nhãdewa'e;

- Identificar e estudar as medidas padronizadas e não padronizadas presentes nas construções;
- Ouvir aconselhamento dos anciãos da aldeia sobre a prática de construção de casas de moradias (Nhãdero) e Casa de Reza (Opy);
- Explorar os instrumentos utilizados na construção de casas;
- Criar um documentário audiovisual que os professores possam utilizar em sala de aula para apresentar para as crianças e os jovens a prática de construir, medir e fazer as casas de moradias (Nhãdero) e Casa de Reza (Opy).

### 3.2 PERCURSO METODOLÓGICO

- Conversar com os jovens para compreender o que sabem sobre os saberes guarani relacionados a construção de casas;
- Ouvir aconselhamento dos anciãos da aldeia sobre a prática de construção de casas de moradias (Nhãdero) e Casa de Reza (Opy);
- Visitar/Acompanhar alguma obra;
- Entrevistas/conversas com os anciãos Joana, Jonas, Cacique Toninho;
- Entrevistas/conversas com contrutores guarani;
- Criar vídeo audiovisual.

Alguns métodos foram modificados ao longo do trajeto. Por exemplo, não deu para entrevistar o Marcelo e nem o Dárcio por muitas questões. Com isso, decidi ir atrás da Vanda e seu esposo, por sorte eles estavam construindo uma casinha de estuque, foi ai que acrescentei a entrevista deles.

O meu produto é um vídeo com parte das entrevistas que realizei e algumas fotos que tirei. Esse vídeo será muito útil na escola porque os professores podem utilizar em suas aulas para apresentar para as crianças e os jovens, além da importância dessas casas para o nosso povo, as práticas de construir, medir e fazer as casas de moradias (Nhãdero) e Casa de Reza (Opy).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa aprendi a dar mais valor ao que é nosso, próprio da cultura Guarani Nhãdewa'e. Ainda tenho muita coisa a aprender com os mais velhos e com os mais novos também, porque eles também sabem, conhecem muita coisa e tem muita coisa a contribuir. Cada um tem seu espaço e sua contribuição a fazer.

Descobri muitas coisas importantes, que já se perderam nas formas de construção dos antigos, e cada um tem o seu jeito de fazer as coisas. E sinceramente, não sabia que as casas de madeiras eram melhores que a casa de barro, achava que sempre as casas Guarani eram só de barro, mas não.

Espero que eu possa, com essa pesquisa, contribuir com a escola do meu povo e com a comunidade geral. Que a escola e a comunidade estejam sempre se fortalecendo e pesquisando juntos. Que esse seja mais um produto educacional que possa servir à escola indígena e também à escola não indígena, repassando aos estudantes como era e é a nossa realidade indígena. Os seus afazeres de trabalhos na comunidade. Que esses aprendizados nunca de percam!

#### **5 CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos que colaboraram com a minha pesquisa, de forma direta ou indireta:

- Os mais velhos da aldeia;
- As comunidades indígenas;
- Os jovens e adultos;
- Minha querida esposa;
- Meus amigos e familiares;

- As minhas orientadoras (Ozirlei e Ana Paula);
- A amiga Fabrícia que contribuiu na edição do vídeo;
- Principalmente à Deus (Nhãderu Tupã).

Agradeço também aos meus entrevistados, que dedicaram seu tempo e suas sabedorias para que esse trabalho se tornasse possível:

- Wera Kwaray (Antônio Carvalho);
- Tupã Kwaray (Jonas Ernesto da Silva);
- Tatatxĩ Ywa Rete (Joana Carvalho);
- Keretxu Mirĩ (Vanda de Lima Carvalho).

O Antônio Carvalho (Wera Kwaray), atualmente ele é um Cacique da aldeia Boa Esperança; e também tem conhecimento de remédios naturais, faz engarrafado. Tem algumas vezes que ele viaja muito, viaja a nível nacional.

O Jonas Ernesto da Silva (Tupã Kwaray), também mora na aldeia Boa Esperança. Ele é irmão mais velho do Cacique Antônio, já foi um Cacique também, hoje ele é considerado um ancião-curandeiro, faz benzimento e engarrafado.

A Joana Carvalho (Tatatxĩ Ywa Rete), Também moradora de aldeia Boa Esperança. Ela é a irmã do Cacique Wera Kwaray e do Tupã Kwaray. Ela também é uma benzedeira, tem conhecimento de remédio natural, já foi professora do Pré-infantil. Atualmente aposentada, e a Vanda de Lima Carvalho (Keretxu Mirĩ). Ela é filha de Cacique Wera kwaray, também moradora de Boa Esperança. Já atuou na sala de aula, como substituto, porém não se firmou.

## 6 REFERÊNCIAS

MOURA, A. P. A. **Matemáticas e arquitetura Guarani Tambeopé: saberes dialogados na escola não indígena** [recurso eletrônico] / Ana Paula Azevedo

Moura, Ligia Arantes Sad, Claudia A. C. de Araujo Lorenzoni. – Vitória, ES:  
Editora Ifes, 2019.

## 7 BREVE RELATO DAS ORIENTADORAS

Neste memorial, Silvio Carvalho Gonçalves, na aldeia conhecido como Nhamãdu, do povo Guarani Nhãdewa da aldeia Tekoa Porã (Boa Esperança), conta um pouco da sua trajetória de vida pessoal e acadêmica até se tornar professor na escola da sua aldeia e a sua motivação na escolha da temática da sua pesquisa.

Com o título “Oo re ba'eapo Nhãdewa'e tekoa Porã Pygwa”, Silvio desenvolveu um documentário/vídeo bilingue para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), na habilitação em Ciências da Natureza e Matemática.

O trabalho de orientação da pesquisa do Silvio é mais uma experiência gratificante das nossas experiências enquanto pesquisadoras não indígenas com a cultura guarani. Experiências de troca, de conhecimentos compartilhados sobre suas maneiras de construir, sua cultura, memórias e suas visões sobre a educação escolar indígena.

Silvio é uma liderança guarani, detentor de uma sabedoria imensa sobre sua cultura, seus saberes e fazeres próprios, mas como muitos outros professores Guarani e Tupinikim, não tinha certificação em nível superior que o possibilitasse pleitear uma vaga efetiva na escola indígena de sua aldeia.

O desejo de seguir os estudos visando contribuir com a educação escolar do povo Guarani por meio de seus conhecimentos sobre cultura e outros aprendizados, motivou Silvio a ingressar no Prolind em 2017. A escolha pela

habilitação em Matemática nos aproximou ainda mais, inclusive com nossa atuação em algumas disciplinas específicas da habilitação.

Importante ressaltar que Silvio sempre expressou seu zelo pelas construções arquitetônicas, seus modos e suas técnicas de saber/fazer guarani a partir de trabalhos realizados como construtor de casas tradicionais e o contato próximo com outros construtores e anciãos. Expresso desde o nosso primeiro encontro, o desejo de Silvio sempre foi de registrar, além das histórias trazidas pelos mais velhos, as técnicas de construção guarani e relacioná-las com a matemática, por meio das medidas padronizadas e não padronizadas.

Neste trabalho, Silvio revela o modo próprio de ser e fazer construção por meio da produção de um vídeo bilingue com histórias, memórias e elementos culturais que fazem parte dos materiais didáticos a ser utilizado [também] na escola, seja ela indígena ou não indígena. O produto educacional foi realizado no formato digital, e sendo assim, elaboramos um encarte com DVD e Pendrive para que possa ser de fácil acesso das escolas e de quem mais se interessar. O material produzido também foi alocado na plataforma do Youtube<sup>1</sup>.

A aproximação e identificação com a produção de conhecimentos sobre seu povo, despertou em Silvio um pesquisador guarani potente, valorizando a sua inserção na rede de pesquisadores indígenas. Assim, ao apresentar sua própria trajetória como estudante e professor guarani, expondo os desafios e as dificuldades encontradas, Silvio demonstra sua capacidade de superação e a força da cultura guarani de resistir!

Na complexa tarefa de orientar uma pesquisa desenvolvida por um Guarani sobre seu próprio modo de ser construtor ao mesmo tempo que é professor, pai, esposo, liderança... todo o nosso respeito e gratidão pelo tempo de diálogo,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eISP4w6Mwew>.

leituras, aprendizados e, acima de tudo, formação pessoal como pesquisadoras não indígenas com um professor indígena em território indígena. Nosso agradecimento especial a todo povo guarani pelos ensinamentos nessa trajetória e por compartilhar experiências únicas de construção, de conhecimento e humanidade; a Universidade Federal do Espírito Santo, que por meio do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ter nos possibilitado o aprendizado de outras formas de educar e existir, pela práxis corajosa recriada a cada dia.

Com a pesquisa de Silvio Carvalho Gonçalves, outros caminhos se abrem para outros/as pesquisadores/as guarani, para além de contar suas histórias, possam registrar as suas práticas, memórias, culturas e experiências.

Paz e Bem!

Ana Paula Azevedo Moura

Ozirlei Teresa Marcilino